

ENTREVISTA COM A PROFESSORA MAISA HELENA ALTARUGIO: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE: PANORAMA E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

INTERVIEW WITH PROFESSOR MAISA HELENA ALTARUGIO: SUPERVISED INTERNSHIP IN TEACHER FORMATION COURSES: OVERVIEW AND POSSIBILITIES IN THE CONTEXT OF REMOTE EDUCATION

ENTREVISTA A LA PROFESORA MAISA HELENA ALTARUGIO: PRÁCTICAS SUPERVISADAS EN CURSOS DE FORMACIÓN DE PROFESORES: VISIÓN GENERAL Y POSIBILIDADES EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN A DISTANCIA

Emerson Augusto de Medeiros¹

Ivan Fortunato²

Osmar Hélio Araújo³

Maisa Helena Altarugio⁴

Resumo: Nesta entrevista, a professora Maísa gentilmente nos apresenta seu ponto de vista sobre o estágio supervisionado em tempos de pandemia, trazendo excelentes reflexões ao momento vivido, mas que permanecem ecoando ao futuro da formação docente. Sobre a

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (DCH/UFERSA), Brasil. É membro dos Grupos de Pesquisa “Educação, Memórias, (Auto) Biografia e Inclusão” da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEPEMABI/UERN), “Educação, Discursos e Sociedade” (GEPEDS/UFERSA) e “Laboratório de práticas, estudos e pesquisas em formação de professores–Universidade e Escolas de Educação Básica (Lacorex@o/UFPB)”. E-mail: emerson.medeiros@ufersa.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3988-3915>.

² Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias e Doutor em Geografia, ambos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. Professor em regime de dedicação exclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus Itapetininga. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, campus Sorocaba. E-mail: ivanftr@yahoo.com.br. rcid: <https://orcid.org/0000-0002-1870-7528>.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. É Líder do Grupo de Pesquisa “Laboratório de práticas, estudos e pesquisas em formação de professores –Universidade e Escolas de Educação Básica (Lacorex@o/UFPB)”. E-mail: osmarhelio@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3396-8205>.

⁴ Doutora em Educação pela USP. Professora Associada da Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André, São Paulo, Brasil. E-mail: maisa.altarugio@ufabc.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7647-5630>.

Maísa Helena Altarugio é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, instituição onde realizou mestrado em Ensino de Ciências e concluiu o bacharelado e a licenciatura em química. Professora Adjunta da Universidade Federal desde 2008, credenciada como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática com orientações voltadas ao ensino de ciências e outros temas relacionados à produção de conhecimento nas escolas. Desenvolveu projetos de pesquisa sobre Estágio Supervisionado, como “O estágio supervisionado como espaço e possibilidade para a reflexão, (re)construção dos saberes e constituição do papel do orientador de estágio” e “Reflexão, (re)construção dos saberes e constituição do papel do orientador de estágio supervisionado”. Publicou, dentre outros, o artigo “Método Educacional Psicodramático como metodologia ativa no contexto do estágio supervisionado”, na Revista Brasileira de Psicodrama, e o capítulo de livro em coautoria com Samuel Souza Neto “A orientação de estágio supervisionado pelo professor universitário novato: desafios, qualidades e implicações para o processo de formação docente”.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Formação Docente. Licenciaturas.

Professora Maísa, considerando o contexto social e político no Brasil no período de pandemia, o qual implica no campo educacional, necessitamos ouvi-la no que tange à formação de professores da Educação Básica. Vemos importante suas considerações sobre os estágios supervisionados nas licenciaturas. Dessa forma, apresentamos algumas questões sobre o tema:

1- A realidade histórica dos cursos de licenciatura, na maior parte centrada no modelo de formação docente 3+1 (três anos de formação ancorada no bacharelado e um ano de formação focada nos conteúdos educacionais e pedagógicos), amplamente debatido na literatura especializada da educação, demarca o estágio supervisionado como o principal dispositivo de formação docente no sentido de permitir um maior diálogo dos licenciandos com o campo profissional em que atuarão. Desse modo, *qual o lugar destaca para o estágio supervisionado na formação dos professores da educação básica? Quais os principais problemas identificados, no decurso histórico, a respeito do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura e quais caminhos considera importante para saná-los?*

A partir da minha experiência, na minha universidade, penso que os estágios supervisionados cada vez mais estão comprometidos em desconstruir a dualidade teoria-prática, tão marcante na formação de profissionais, especialmente nos cursos de formação de professores. Penso que esse é um grande avanço. Na minha universidade, os estágios supervisionados são compreendidos, conceitualmente, de forma mais abrangente, incluindo não apenas as experiências e vivências dentro das salas de aula,

abordando o ensino formal, mas em outros espaços onde acontece algum tipo de educação, como museus e ONGs, ou seja, ultrapassa os muros da escola. Porém, observo vários problemas, de diferentes naturezas, em diferentes instituições formadoras de professores que ainda persistem e que, a meu ver necessitam ser superados. Uma delas, importantíssima, é a escassa participação dos professores das escolas no processo dos estagiários, que vai desde a construção do plano de estágios, o acompanhamento dos estagiários nas suas atividades, até a avaliação. Na maioria das vezes o professor da universidade é quem, de fato, dá as orientações, acolhe, discute, faz sugestões e avalia o processo do estagiário. Outro aspecto importante que carece de reflexão, é a visão positivista que me parece ainda predominar na maioria dos estágios, quando o estagiário observa e intervém na realidade da escola como se ela precisasse ser “consertada”. Nesse sentido, penso que uma postura colaborativa, dialógica, onde todos os atores envolvidos ensinam e aprendem, pode ser muito mais frutífera para os estagiários.

2- Professora, em boa parte dos debates produzidos em eventos científicos, em publicações em períodos da área de Educação, em livros sobre a formação de professores, em teses e dissertações desenvolvidas na Pós-Graduação em Educação, defende-se que o estágio supervisionado é um *locus* fundamental para o desenvolvimento da relação teórico-prática, tão cara à formação docente. No mesmo lastro, demarca-se que o estágio supervisionado contribui para a produção de processos formativos mais críticos nas licenciaturas. Validando esses apontamentos, *como pensa a relação do estágio supervisionado com as escolas de educação básica e os cursos de licenciatura no sentido de desenvolver processos formativos que auxiliem na formação docente com enfoque crítico? Em relação à pesquisa na formação docente, considera que o estágio supervisionado tem somado para que os licenciandos conheçam criticamente, por meio da pesquisa, o âmbito educacional?*

Entendo que o enfoque crítico no campo dos estágios pode ser, de fato, uma solução para o desenvolvimento da relação teoria-prática. No entanto, é preciso atentar para que o uso da pesquisa nos estágios não transforme a escola em locus de coleta de dados, para o aprendizado único dos estagiários, mas que os seus resultados possam ser colhidos pelas instituições que os acolheram.

3- A Resolução CNE/CP, nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que definiu Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e instituiu a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), condiz a um dispositivo legal que atesta uma série de prescrições normativas às licenciaturas. *Na sua opinião, quais as consequências desse dispositivo legal para a formação docente, em especial, para os estágios supervisionados? O que fazer, nos cursos de licenciatura, em relação às prescrições normativas desse dispositivo legal que se definem a partir de um conjunto de competências formativas?*

A referida Resolução pode ser entendida por muitos formadores de professores como uma espécie de “camisa de força” no sentido de que, mais uma vez, as diretrizes que regem a educação brasileira, em especial, a formação de profissionais da educação, devem atender e permanecerem atreladas a determinações de uma linha ideológica de ação e de pensamento ligadas a interesses de certos grupos que se mantém ativos e atuantes na estrutura de poder em certo momento histórico da nação. De certa forma, tendo a concordar com essa visão. E, dentro das tendências da atualidade, me parece que esta é a vez das chamadas competências e habilidades. A discussão que envolve esses conceitos tem se demonstrado bastante complexa e bastante controversa, especialmente no campo da educação. Embora a noção de competência tenha sua origem no meio mercantil, entendo que a competência no campo da educação não deva ter o mesmo sentido e finalidade. Competência, na educação, significa saber agir, capacidade de se adaptar a uma situação e, portanto, exige conhecimento por parte do profissional. É preciso compreender e saber definir quais os referenciais de competência estamos defendendo. Existem competências que defendem certos valores sociais, políticos, humanos, econômicos, culturais. Segundo o prof. Tardif, em *live* recente, defendeu que um referencial de competência deve se adaptar a cada país e nós, em conjunto, precisamos definir o nosso.

4- No período pandêmico, vivenciado nos anos de 2020 e 2021, como consequência da Covid-19, as atividades formativas nos cursos de licenciatura se realizaram seguindo o modelo de ensino remoto. Até onde temos ciência, os cursos de licenciatura reorganizaram, a seu modo, os estágios supervisionados. Como avalia a oferta dos estágios supervisionados nos cursos de licenciatura no período pandêmico ocasionado pela Covid-19? *Quais as implicações para a formação dos professores da educação básica, validando a oferta do*

estágio supervisionado seguindo o modelo emergencial de ensino remoto? O que orienta aos cursos de licenciatura após o período de pandemia para os estágios supervisionados?

Entendo que este período de pandemia esteja dentro de um caso de excepcionalidade, onde adaptações estão sendo realizadas para o ensino remoto, tanto nas universidades quanto nas escolas de Educação Básica. No entanto, penso que, mesmo neste estado de excepcionalidade, é possível aprender. Muitas experiências inovadoras estão sendo realizadas, muitos paradigmas estão sendo quebrados. O que se achava impossível de acontecer está sendo realizado, mesmo nos estágios. Creio que as vivências dos estágios na pandemia, mesmo com restrições, estejam sendo riquíssimas. Professores supervisores, orientadores e estagiários estão tendo a oportunidade de exercitar sua criatividade, seu protagonismo, sua autonomia das mais diferentes e inusitadas formas. Tudo isso traz muito aprendizado, além de dados de pesquisa e a chance de compreendermos modos de pensar, ser e agir na docência provavelmente jamais mobilizados em situações de ensino presencial. Penso que devemos considerar que o retorno ao modo presencial deixará muitos aprendizados e que os cursos de licenciatura deverão ponderar esses aprendizados e incorporá-los às suas práticas. A transformação já aconteceu, é preciso absorvê-las, não as ignorar.

Recebido em: 15 de maio de 2021.

Aprovado em: 16 de junho de 2021.